

A EXATIDÃO DO CAOS

ANDRÉ MIRANDA SILVA

ASTENIA

*as.te.ni.a s.f. MED perda ou diminuição
da força física”
– Houaiss*

ASTENIA é essa eterna saída do caminho no meio dele. É esse sempre parar com as coisas sem que nada tenha acontecido. É encontrar muros e não subi-los. É ser impedido e unca impelido. É sair do jogo sem começar a jogar. É a impotência, a impossibilidade de encarar o desafio. É a perplexidade diante das coisas do mundo. A incapacidade de apreender as informações e processá-las. É não entender e não ser entendido. É sempre o equívoco e a insegurança depois. Astenia é não viver.

eu sei eu sei
que tem muito
que eu não sei
 o que é melhor
 olhar a lua cheia
 ou fotografias
 de abelhas?
o mundo bate
ou melhor
as coisas
 eu não tô na reali
 são muitos caminhos
 e muitas escolhas
ou talvez
tudo é tão simples
que eu ainda não vi
 não sei não sei
 nem vivi

cansei.

mas enquanto descrevem a
estrutura do dia ou
a gramática da língua
em folhas de papel
 folhas caem
 das árvores
 e não podem
 ser faladas
as palavras são muito bonitas
mas já não bastam

se ninguém viu ouviu
não existe
 as folhas dos livros
 as folhas das árvores
 têm o mesmo valor
 e são inúteis
se o sol explodisse
eu morreria
agora ou
em bilhões de anos
 se eu morrer eu não tenho
 nenhum plano b

preciso que me dê a mão
porque a vida é infinita
e o instante me assusta
 ou todo mundo é ruim
 ou sou só eu
que estou lá fora
ao meio dia
hora em que nada
nada circula
 se eu dissesse
 uma mentira
 sei que não gostaria
a vida são só pastos
e pontos de ônibus
 por isso vamos
 correr correr
 até cair
mesmo sem chegar
a nenhum lugar nenhum
 o importante
 é estar.

fala
é mais fácil
que a desfala
e mais difícil
que a não fala

resvala no
querer dito
o que se
quer dizer

e o que
se quer
se deve
nunca
interditar

raiva
contra o mecanismo
um abissal
desejo
de um corpo
ou copo
d'água

o abismo
da não fala
é vazio
e muitos são
os que o acham

(sai dele
sai dele
meu povo)

os que não
podem
o trabalho
de se abrir

os que não
querem
o peso
de sorrir

As palavras são muito bonitas
mas já não bastam
a vida é vivida
em não viver
vidinha de rotinas
e conveniências

NINGUÉM MAIS GRITA

o poeta que vive em mim
dorme o dia inteiro
o deus que vive em mim
se desconverteu
nem sempre se pode ter
tudo que se quer
as cordas vibram
o baixo sobressai
a bateria explode
mas
ninguém grita mais

se me pegam na rua
já era eu
 a boca se cala
 e nisso acerta
a língua é muito falha
e não serve
pra defender
 nem posso me esconder
 por trás caneta

recebo
um olhar
um sorriso
e ando mais rápido
desvio

medo
de realizar

se é pelo bem de todos
e a felicidade geral da nação
– mente sã
corpo são –
passaremos sim
em frente a vocês
na primeira do plural
passaremos sim
de mãos dadas
de braços dados
de corpos grudados
passaremos sim
com fones de ouvido
para esquecer com que frequência
vocês nos iludem
passaremos sim
de peitos abertos
e olhos lavados
para ver o fim
e o que vem
muito antes do começo
passaremos sim
todos juntos
para verem o quanto somos
diferentes e iguais
passaremos sim
ao vivo ao meio dia
para que vocês não precisem
nem ver seus jornais
passaremos sim
para que vejam
o quanto odiamos
uns aos outros
mas para que vejam
que entre nós
há sempre a certeza
do perdão

do alto das sarjetas
do fundo das calçadas
de dentro das carteiras
debaixo das janelas
 silêncios
 condições
 cautelas
desde o passado até agora
reclamar não deu em nada
não é enredo de novela
os fracos não têm vez
se você fez algo
ninguém sabe que fez
é preciso mais que vida
mais que funções vitais
é preciso mais que arte
é preciso superar
 vejo arte
 em toda parte
 vejo lixo
 já vi morte
mas eu não vi
a solução
 que é a força
 que é a firme
 resolução

é apenas o começo
andamos calados
criando aqui dentro
uma desobediência
 mas quem somos nós?
 um pronome
 rostos frágeis
a força que calamos
não vai explodir?
 (que força?)
 poderia ser
 no papel
 na tela
 ou na voz
 digital
mas as palavras
elas não bastam
 não

Poema artefato *vs.* Poema discurso. Sem versus. Só versos.

(Sem trocadilhos ruins como esse). Construir aquela rua de que eu falei. De dentro pra fora. Montar a crocância da casca do pão.

Emoção? Emoção. Construção. Como criar e ainda mostrar o que está? Sem dilemas... (?) Sem tensões... (?)

Poesia é problema (?)

Mas não posso entender que algo nasça do não. A fria negação. A luz trêmula e pálida. Nada serve como alimento. As coisas têm de ser vistas nas suas devidas proporções. Mesmo que assim seja: não ir à festa. Rato de biblioteca. Fichas de cartolina. Mesmo que não seja assim: diversão é solução, sim. É desse modo que se vive – através dele. E seu muito poder. Sim, senhor. Através do sim.

As coisas escapam por entre os dedos. O mundo. O que acabou de acontecer. Como andar de olhos fechados. O tempo é uma poeira fininha. Inalcançável. Inatingível. Intangível. Todos os adjetivos. Principalmente na rotina so-nâm-bu-la. A retina tão dificilmente excitável. Olhar olhar e não ver nada. Viver sem saber. O mundo foge. As coisas. Viver sem viver. Sem viver. Astenia.

28.4.2015

o sol refletido no concreto
machuca as rotinas
no passo sonâmbulo dos dias
as calçadas escorrem
debaixo dos pés que buscam
uma orfandade voluntária
aquela outra sozinhez
que é dentro de si
em meio a outros

CONSERTA-SE:
celulares – tablets – PCs
e nada mais

ninguém pode imaginar a paz
contida em um copo d'água

o ser transtornado
se devora em perguntas
surdas ao extremo:
o aqui dentro? o lá fora?
até onde chegar
à força de verdades?
e não é sua lembrança
que passa na janela
através de muitos metros
na neblina?
um segundo passageiro
se levanta
cansado de pensamentos repetidos
até o absurdo.
o tempo parado
absoluto
impede que as coisas
se dissolvam.
nem tudo se resolve
com falagens
(o general e sua
falange imperial
beberam o sangue
do inimigo –
beberam um pôr-de-sol
terra vermelha
vaso de argila)
as pontas soltas do passado
levantadas pelo vento
marcando os umbrais
das portas abertas do presente:
passaremos? ficaremos?
são dúvidas duplicadas
na lâmina dura da água
à beira da estrada

LONG PLAY
(365 rpm)

LADO A

- *“Deem-me uma outra vida e estarei cantando...”*
 - *Iósif Bródski*, Para minha filha

1. Intro

mal nasci
já planejo crimes
– que eu traia
mas não seja nunca traído
por esta palavra:
 (ou esta:
 ou esta:
 ou esta:)
– que eu invada
mas não seja nunca
invadido por este pudor
 este desejo escondido
 de não viver
 de sentar em cantos
 de paredes
 e responder o eco
 da própria voz
– que eu tema
mas não seja nunca vítima
do medo dos outros
que tem calado a voz
dos nossos abraços
– que eu roube
mas que nunca tirem de mim
o que eu tenho de eterno:
 as paredes do instante
 que bloqueiam
 que são maiores que os antes

2. voyeur

a.

suéter de losangos e óculos de coração
 (alguma lolita com frio)
 esperava o ônibus perto da rua
 e sorriu juro por deus
 de mostrar os dentes
 por trás do batom vermelho

me entristece perceber que eu descrevi a mulher
 como quem descreve uma caixa de frutas
 ou um copo com um resto de leite
 em cima da mesa
 me perco nessas voltas
 mas nem aprendi
 a usar as palavras)

b.

inutilmente esperei um milagre
 de pé encostado na grade
 enquanto o ônibus não vinha
 ninguém se jogou no meu pescoço
 ninguém ninguém nos meus braços

a ficção alimenta sonhos falsos
 mas alimenta sonhos
 essas meninas têm o rosto impermeável
 maquiagem a prova d'água e de teorias
 antes da viagem antes de tudo
 a poesia não tem a menor impotência
 o poeta grita no livro fechado
 mas além de livros um país
 se faz de homens e mulheres
 de mulheres e mulheres
 de homens e homens
 de palavras
 de ideias
 etc.

c.

dentro de si é uma mala 007
 de que ninguém sabe o segredo
 (exceto é claro aquele amigo
 matemático mestre em combinatória
 e convívio social)

maleta dessas que se viola a tiro
mas eu não saio abrindo
os mistérios de ninguém
por muito menos já morri
por muito menos outros
já perderam o ponto

uma pessoa que na vida
só chegou atrasada
por trocar o sim pelo não e vice-versa

ando a pé não corro o risco de ficar muito tempo
me prender a quem seja na calçada
e esquecer a verdade

a verdade a verdade a verdade

[[repeat]]

3. objeto de desejo

enquanto você não está aqui
 rugindo suas músicas de
 pré-duplo-homicídio-suicídio
 remastigando essas lembranças
 remasterizadas
 de um passado inútil
 ou a nostalgia futura
 de um tempo impossível
 e descafeinado essas
 fantasias que se vê em toda esquina

enquanto você não está se lamentando
 e eu não me lamento pra você
 de não ter agarrado enquanto podia
 todas as chances que o mundo
 dava dava voltas e eu imóvel
 bem como um móvel na sala
 um sofá calado e útil
 (você me chamava de
 criado mudo
 e eu não sabia o que era isso)

enquanto você não está fazendo
 seu habitual espetáculo
 (a vida é um cinema em
 dia de chuva)
 ou torturando as pessoas com
 sua voz de navalha na carne
 ou fazendo ligações perigosas
 uma vida-montanha-russa
 ou contando vantagem e
 histórias comoventes que mais parecem
 piadas sem graça
 ou servindo nossos olhares
 de mais um exemplar
 da sua antiarte inútil
 ou dizendo futilidades
 da sua prima ou daquela
 sua amiga que bem que
 podia ter morrido
 ou do seu gato
 que é só um pedaço gordo
 de carne de cadáver

enquanto você não vem
 é como se eu fosse um estrangeiro
 na minha própria vida

4. definições

1.

arte é o vazio refletido no espelho
 enxergar através de lentes
 antimiopemente fazer questão
 de que a água seja bem peneirada
 correr atrás do vento pra usar
 uma referência clássica
 é fazer com que o velho
 pareça nascido agora
 e reformar os olhos com catarata
 reciclar os ouvidos dos surdos
 deformar o que está aí
 para que mudando tudo
 se chegue à forma real das coisas

2.

ela disse
 Tudo é arte
 e eu ia começar a dizer
 Não...
 – ela me interrompeu com aquele olhar
 que significa
 Já vem você me chamar de burra

 (como se eu não fosse a carne
 que diz sim pra tudo
 aquele que é ofendido
 e pede desculpas
 o desprezível desprezado
 que se humilha se rebaixa
 para que os outros sejam
 os glorificados
 escondido debaixo
 das solas dos príncipes
 do mundo
 esses outros que nunca
 jamais levam porrada
 os que apontam e riem
 dos que só têm de seu
 coisas emprestadas
 – usadores de palavras)

3.

inútil dizer o que é o poema

o poema é esse fazer e refazer o nada
do nada –

silêncios exaltados

nem poucas nem mais palavras

palavra.

4.

precisamos de algo mais que definições
precisamos de edificações de areia
de fortificações de ar

precisamos de sonhos antes de tudo
sonhos para realizar dar vender
ou enterrar no quintal de casa

os meus ideais estão num lugar bem seguro
enfiados onde ninguém vai pôr a mão

a minha segurança são os cadeados
e os cadeados dos cadeados

a minha segurança
é que hoje tudo é automático

(falo hoje como se houvesse o passado)
e todos podem sair sabendo que ao voltar
seus segredos estarão bem guardados
na boca dos amigos dos amigos dos amigos
dos conhecidos dos amigos dos conhecidos
dos ex e dos ex dos ex amigos

e nem digo nas bocas digo nos dedos
digo nas redes digo nos bytes dos sites

lugares onde a eternidade
é transitória

5. Notas

Ontem

Ouço os barulhos aí de fora e soffro. Ai.
 Não adianta olhar pela janela que não vem ninguém.
 Pensei que os diamantes fossem para sempre. Estava enganado.
 Parece que eles mofam e apodrecem quando na sombra da
 verdade jogada na cara.
 Não adianta.
 Não vem ninguém.

Há dez dias

A alegria do pão de milho contra as lâminas do álcool.
 Sabor de cobre e fumaça.
 Prevejo que vai começar tudo de novo.
 Estamos preparados para a necessária fuga.
 Imploro a Deus que seja mentira. Me ouviria?
 Imploro que a verdade seja o sonho que eu tive ontem. Pai!
 Como eu soffro!
 Desenhei no chão com giz.
 Um jogo. Um zigue-zague. Contra o tique-taque dos que me
 compram e vendem. Absoluto. Frente a frente não sei falar. Só
 abraços. Um absurdo.
 Desse jeito que nos desespera. Dizes pera. Sinto a aflição de
 seus olhos tão modernos. O que eles querem é o contrário do
 que eu. Por isso sinto esta como que faca de açúcar quando
 estou feliz contigo mas a felicidade não é completa porque por
 mais que eu te toque e ouça você ainda fala uma língua outra.
 Escrevo pra você sob uma rajada de silêncios, emoções
 contrárias. Nunca lerá.
 Mas eu insisto em ver flores e abelhas e lembrar.
 Além disso o modo como você me faz sofrer e flutuar é
 totalmente útil pra essa arte fútil.
 E fatalmente não teremos nenhuma paz.
 Nem rimas.
 Querido diário.

Há vince e cinco dias

A última semana.
 Sempre éramos idiotas antes de hoje.
 Ou somos todos os dias mas o fato de ser hoje nos torna cegos
 a essa idiotice.
 O ano começa a acabar.
 Tive que fazer essa tentativa. Se não der não deu e fazer o quê
 seguir em frente ou em outra direção de modo a nem
 sequer reste um vestígio dessa coisa absurda que se chama.

Vale a pena ler o último volume?
 Estou pensando em dar uma volta.

Ar.

*(Ontem assisti a um filminho de adolescentes. Ilusões vãs.
 Ricos e bonitos. Transgressão convencional. Vale nada).*

Há trinta e um dias

Essa música me faz sentir insuportavelmente adolescente.
 Insuportável In-su-por-ta-vel-men-te.
 O advérbio e-nor-me-men-te po-lis-sí-la-bo.
 Nem de erva nem de solidão louco de som.
 Menos lúcido que nunca.

Depois de amanhã

All you need is love
 and all I need
 is you
 <3

6. Notas 2

a.

Essa insuficiência que eu sinto
essa proibição
direito negado
será algum
resto de passado?

b.

O silêncio é difícil
de apreender
As palavras para ele
são poucas

c.

Aprendo a viver
com lápis e borracha
e nunca mais
com a caneta definitiva

- *fevereiro/março*

7. Encantado

pegar
um
atalho
para onde

os sonhos
são poluções noturnas

ou melhor
quando a manhã vem com aquele
sorriso besta
você
pega na mão dela
e vai
dar um passeio muito chato
mas pode
porque sofrer é bom
quando o sorriso
é bonito

8. Maquinaria

planejar essas mentiras
com a perfeição
do possível

- 21.4.2015

9. Choro

segunda-feira chuvosa e febril
e míope
e míope
e míope

(fazer disso um drama)

10. Notas 3

*

Somos incapazes de perceber
que estamos aplaudindo
um ser abjeto?

O que eu fiz em todo esse tempo não significa nada. Esse tempo vazio.
Intermezzo. Essa idade média da minha vida. Essa nulidade.
Amasso o papel e jogo no lixo. Mas não tenho nenhuma
segurança pra amanhã.

*

arrogância.
moedas.

11. População carcerária

1.

mandam a gente estudar
mas o que a gente quer é só
fugir da fábrica ou da vassoura

2.

nossos presos não tiveram a sorte a ousadia de um diploma alguns só se
formam pela cela especial

3.

tempo pra pensar...

12. Por fim

No princípio
era o nada.

16.8.15: Dissertação sobre o nada

O Nada.

é necessario escrever/vomitare. mas odeio vomitar, não da prazer. a cartomante errou o vaticínio. é necessário falar de Nada mas sem falar de nada. Oco. perfeitamente à vontade comigo. não. não se trata de vomitar. mas de conter o vômito. o automatismo: vamos voltar de novo a esse assunto? completamente cansado. buscando esses espaços em branco. antecipar algumas leituras da lista?

Não há um
LADO B

- *“Atravessamos o presente de olhos vendados...”*
- *Milan Kundera*

Epígrafes, Prefácio, Prelúdio ou
 PRENÚNCIO PROFÉTICO DO QUE HÁ DE VIR

DIANTE DA FOLHA BRANCA

Tanta lucidez da vertigem.
 Faz perder o pé na realidade.
 Perder pé dentro de si mesmo,
 sem contrapé, é uma voragem.

Van
 Gogh

Diante da folha branca e virgem,
 na mesa, e de todo ofertada,
 com medo de que ela sorvesse,
 ei-lo, como louco, a estuprá-la.

*

A folha branca é a tradução
 mais aproximada do nada.
 Por que romper essa pureza
 com palavra não nilpesada?

Mallarmé

A folha branca não aceita
 senão a que acha que a merece:
 essa so sobrevive ao fogo
 desse branco que é gelo e febre.

João Cabral de Melo Neto, in Agrestes (1981-1985)

DÚVIDAS APÓCRIFAS DE MARIANNE MOORE

Sempre evitei falar de mim,
falar-me. Quis falar de coisas.
Mas na seleção dessas coisas
não haveria um falar de mim?

Não haveria nesse pudor
de falar-me uma confissão,
uma indireta confissão,
pelo avesso, e sempre impudor?

A casa de que se falar
até onde está pura ou impura?
Ou sempre se impõe, mesmo impura-
mente, a quem dela quer falar?

Como saber, se há tanta coisa
de que falar ou não falar?
E se o evitá-la, o não falar,
é forma de falar da coisa?

JCMN

“What is innocence, after all, if not the promise of future corruptibility?”

1
*
I
—

8	16	24	32	<i>SATOR</i>
16	32	8	24	<i>AREPO</i>
24	8	16	32	<i>TENET</i>
32	24	16	8	<i>OPERA</i>
				<i>ROTAS</i>

A perfeição vazia ou assimetria significativa? Um equilíbrio, mas nada clássico. Daí que partimos de uma inicial e, por meio de uma série de fatores, chegamos a uma desordem aparente (...)

A ESCULTURA DE MARY VIEIRA

dar a qualquer matéria
a aritmética de metal
dar lâmina ao metal
e à lâmina alumínio

dar ao número ímpar
o acabamento do par
então ao número par
o assentamento do quatro

dar a qualquer linha
projeto a pino de reta
dar ao círculo sua reta
sua racional de quadrado

dar à escultura o limpo
de uma máquina de arte
por sua vez capaz da arte
de dar-se um espaço explícito

JCMN

“Aqui se inicia
uma viagem clara
para a encantação”

Ferreira Gullar

★

★

OS VERSOS PROIBIDOS

1. 5h25min a.m.

um quarto quando acorda
é só vapor de suor
e água pesada de sonho
ruim de pesadelo

numa folha de papel
palavras que não dizem:
 espelhos
 só repetem
 o que havia

notas de suicídio forjadas
em madrugadas brancas
 nunca vistas
ilustradas com umas
fotos falsas em p & b
 como a vida era
 antigamente
monocromática monótona e chata

o título “flores de ferro —
pra que ninguém precise
engolir minha diarreia”

e no criado mudo
sonhos registrados
toda vez que terminava
de fingir a própria morte

2. Primeiro sonho

isso é uma profecia
 prenúncio que veio
 antes
 prefário do que foi
 e nunca vai voltar
 prelúdio do que foi predito
 e ainda faz eco
 espalha
 seus reflexos
 pelas noites blues
 — e garante uns bons feels

//

sonhei que o mistério
 se afastava de mim
 e eu podia sentir
 seu perfume
 se despedaçando
 e eu fechava minhas mãos
 tentando prender o aroma
 mas buscar manter
 o que ia embora
 por resolução firme e própria
 era a pior cadeia
 a pior tortura

//

sonhei que o mistério
 se abria
 e se entregava a quem
 pensasse o contrário
 das ideias nele
 a quem
 não pudesse ser mais diferente
 de si mesmo na frente do espelho
 a quem menos soubesse ler
 as entrelinhas
 e a mim
 o único cego que sabe
 a cegeuria
 sua e dos que o cercam
 o misterio virava a cara
 e não queria toque
 nem palavra

//

sonhei que o mistério se desfazia
assim que era tocado
e voltava a se juntar
quando eu dava um passo
atrás
e eu fugia dessa luz
intermitente
para a segurança das coisas
concretas e acabadas
as estradas e as praças
retas e constantes

3. Lá fora

andar na rua com livros
debaixo do braço
porque a leitura isso e aquilo
 mas o mundo ainda escorre
 por entre os dedos
 pra que serve a mão
 que não pode segurar
 as coisas suarazão?
os olhares e pernas cruzados
nos bancos em que
os cafés ao lado esfriam
 esfriam as vontades
 depois de alguns segundos
já é rotina andar no automático
aceitar a verdade absoluta
do outdoor da camiseta
 conseguir um prazer
 pouco ou nenhum
 explorando a autotortura
o mendigo que cursou teologia
e pede um dinheiro pra cachaça
 ganha
 é um prêmio pela sinceridade
 tem gente
 que nunca diz o que quer
 e não vale um cuspe
os carros correm
são o moto perpétuo
o motor que produz
o ar puro
com cheiro de cidade
 a aparente desordem
 dessa tarde
 não é mais que um outro jeito
 de arrumar as coisas
que eu morra
mas nunca veja demolida
aesquina onde eu sorri
e ganhei um sorriso
que esta queimando até agora

4. Novamente dentro de si

vontade grande de traduzir
o de dentro no de fora
que anda e fala
 mas é complexo o que separa
 uma parte de outra parte
é tênue
que nem
uma gilete
e é espesso e alto como uma muralha
construída de verdades
 das que importam
 as que ninguém sabe.

outro fim

x

outro sim

Letras soltas
e sem
referente real
sem ordem
o caso
sem régua
e o esquadro
ainda com a mão direita
(não significa nada)
não estudei semiótica
dispenso suas palavras
e seu auxílio
o caos
sem espaço para pensamento claro
ordenado
que não seja digressão
sou obrigado a sempre mostrar essa face
serena compenetrada mas é mentira
vou escrever direto e erro coisa suja
palavra mijada que é pra isso que serve
ter caderno e caneta
se agora me dou à poesia
pensada é aquela poesia que constroi

em torno de nada toda a força do oco
 que do vazio faz eco mas com essa
 poesia que é o muito pensar em nada
 e construir um labirinto de paredes
 rabiscadas no plano preterérito medi-
 das traçadas e calculadas com régua
 não


consigo escapar deste outro labirinto
 e tenho que usar a palavra que é ideia
 e não tijolo e escrever um como que
 relato de como estou algo que é só
 jogado quase aleatório labirinto tam-
 bém mas sem elegância e regra
 caos também mas inexato
 dança aleatória passos inventados na
 hora
 hora sem coreografia

e

se estou escrevendo aqui é porque pra isso
 que serve um caderno: pra pensar e não
 pra empilhar versos.

Caderno de Exercícios

14 de julho de 2015

Labirintos
Poemas para mim

(escritos)

NÃO-POESIA

algo se quebrou
 e não é nada
 e por isso agora se começa
 as coisas pelo meio
 estou cansado de crer
 nas mentiras que invento
 não é como se eu existisse
 ou devesse existir
 já falei sobre isso
 em outra ocasião
 a impossibilidade de mim

—— // ——

é so não procurar
 que ela virá
 e assim eu fico na espera
 de algo que não se sabe
 e que eu não mereço
 porque não me esforcei
 é so não esperar
 quando menos se espera
 ela vem
 e então eu fico querendo
 sem a menor esperança
 de que um dia venha mesmo
 é so não querer
 e assim eu não quero
 o que mais desejo

—— // ——

Quantas vezes eu já disse
 que é como se eu dormisse
 e agora
 estivesse acordado?

E quantas vezes eu já disse
 que é agora que eu acordo?

Mas como pode alguém
 que já estava acordado
 acordar de novo tanto
 tantas vezes?

—— // ——

Encher o papel do completo vazio
 eco de nada
 oco

—— // ——

Alguém como você me disse que não é bom
chorar.

Alguém como você
que também não sabe o que falar.
Alguém como você
que também não sabe o que fazer.

Então eu estou andando so com os pés
e você ou alguém assim me disse
que não vale a pena andar so.

Então eu estava cansado de falar de mim
e você ou outro alguém me deu
matéria nova para os meus poemas.

E eu aprendi o valor dos diamantes
E eu aprendi o valor dos diamantes

Alguém como você me ensinou
o valor dos diamantes

Alguém como você
sem nem saber
me ensinou a viver.

*

Andrea Doria - Legião Urbana

Às vezes parecia
Que, de tanto acreditar
Em tudo que achávamos tão certo
Teríamos o mundo inteiro
E até um pouco mais
Fariamos floresta do deserto
E diamantes de pedaços de vidro

Mas percebo agora que o teu sorriso
É indiferente, quase parecendo te ferir

Não queria te ver assim
Quero a tua força como era antes
O que tens é só teu, e de nada vale fugir
E não sentir mais nada

Às vezes parecia que era só improvisar
E o mundo então seria um livro aberto
Até chegar o dia em que tentamos ter demais
Vendendo fácil o que não tinha preço

Eu sei, é tudo sem sentido
Quero ter alguém com quem conversar
Alguém que depois
Não use o que eu disse contra mim

Nada mais vai me ferir
É que eu já me acostumei
Com a estrada errada que eu segui
E com a minha própria lei

Tenho o que ficou
E tenho sorte até demais
Como eu sei que tens também.

Alguém como você
me disse que não é bom chorar
Alguém como você
que é apenas aprendiz
Alguém como você
que também não sabe o que fazer.

Então eu estava andando fora do caminho
e você ou alguém assim me disse
que é bom não andar só
que é bom sair do vazio
e da escuridão.

Eu estava cansado de tanto falar de mim
e você ou alguém assim
veio me animar
sentou do meu lado encostado no muro
com a mão na minha mão:
e ouviu cada silêncio.

E eu aprendi o valor dos diamantes.

Alguém, talvez você, me ensinou
que uma pedra bruta
ainda não mostrou seu valor.

Você ou alguém igual
sem ter a intenção
me fez (vi)ver o sim
e esquecer o não.

E eu aprendi o valor dos diamantes.

“Tanta lucidez da vertigem”

Levanta ainda com vestígio
de absurdo fechando o olho
precisa uma bebida áspera para afiar a lâmina
de ver com lucidez

Anda em exercício
de enxergar as coisas coisas
não além não menos
Não se move de si senão para
branquear o branco
endurecer o diamante

Fala o objeto em gesto reto
da mão
que varia o ângulo
e não faz arco
Quem sabe a agulha
de milhões de vértices
do redondo?
Do paradoxo umami
gosto ímpar
cinco
mas de aresta polida
sem excesso sem falta

Para quem sai da cama
com um ritmo irritante
no ouvido
nada é mais tortura e desafogo
que encostar a orelha
em si mesmo e ouvir
os vários ecos do oco

O labirinto a ser criado é o labirinto da vertigem da linguagem. O labirinto da lucidez da palavra coisa. Com seus caminhos que se bifurcam. Por exemplo: $\left\{ \begin{array}{l} \text{uma coisa} \\ \text{outra coisa} \end{array} \right.$, e nem sempre simétricos em espelho. E sempre a libertação do já feito e do alheio. Ainda que eu queira ser um eco ou continuador. É ainda em oposição que se faz essa continuação.

—————X—————

Oposição a tudo, sem matar nada nem ninguém. Mas também, trata-se aqui do so called sistema poético estabelecido de antemão, que é meu sistema, não regras ditadas a ninguém. Regras so pra mim mesmo. O Tarik disse: estudar. Estudar até que se me posso talvez chamar poeta, ou escritor.

Os ricos gostam de dormir até tarde
apenas porque sabem que a corja
tem que dormir cedo para trabalhar de manhã
Essa é mais uma chance que eles
têm de ser diferentes:
parasitar,
desprezar os que suam para ganhar a comida,
dormir ate tarde,
tarde
um dia
ainda bem
demais.

— *O Cobrador*

Fractal

o todo tem todos
como tijolos

coisa dentro da coisa
feita de ela mesma

e mesmo os ocos
e os interstícios
são o algo
em negativo

salientam
o recursivo

para saber tudo
que tem que saber
tudo
antes de

o infinito é
uma
cópia de si

repetida repetida
sempre outra

1.

encontro com si mesmo
o espelho bipartido
de fim a fim

humanamente um resto
uma cara de um cara
como se chama essa
espécie de objeto
sem utilidade prática

e com as mãos
comentário da pele

as nações guerreiras -
loucas de automatismo

mas talvez uma pistola
e não tem volta
do pensamento

1.

encontro consigo
espelho bipartido
cego de luz
de fim a fim

essa coisa humana-
mente colocada:
dois gumes na carne
de cara espécie
de objeto jamais
com utilidade prática

e por acaso corre
as mãos na pele
e acha
aquela cicatriz
em souvenir
de qualquer ontem?
invisível? talvez
tenha esquecido
que era assim doce

assim como
sem alguma coerência
se passa do sujeito
para a consequência
neste caso mordente

de repente blue devils
pensa e quem sabe
uma pistola
implode a cabeça.

2.

entretanto
um quase é sempre
e tudo que existe

e o quase é mais
vazio que o vazio

por isso o termo
explodir pra dentro
que so ocorre com
o que é cheio de oco

3.

estar a um passo
é sempre do poço
ou precipício

milhares de
quilômetros
entre si e si

1.

encontro consigo
cego luz do
espelho bipartido
de fim a fim

essa coisa humana
mente se expondo
em dois gumes na cara
da cara espécie
de objetos jamais
com utilidade

e por acaso corre
as mãos na pele
e acha
aquela cicatriz
um souvenir?
esquecido
que era assim doce

assim como
sem alguma coerência
se passa do sujeito
para a consequência
mordente nesse caso

de repente blue devils
pensa e quem sabe
uma bala na ideia
não impediria
a cabeça

2.

entretanto
o quase é sempre
e tudo que existe

o quase é mais
vazio que o vazio

exemplo

correr no mesmo
passo
atrás de quem
se move um passo
de cada vez

exemplo

estar a um paço
só de poço
ou precipício

exemplo

sempre a um passo
são outros quinhentos
quilômetros entre
quem e quem

1.

encontra consigo
cego de luz do
espelho partido
de fim a fim

essa coisa humana
mente se expondo
dois gumes na cara do cara

que essa mente o dentro
e esconde o real
centro nele

1.1.

e por acaso corre
as mãos na pele
e acha
aquela cicatriz
um souvenir
invisível ate antes
e esquecido
que era assim doce
como a dor pode

e o porquê-dor
volta em objeto
que não mente
a nostalgia
cortante

ou mente
e corta ainda
mais mas
não aquele corte
de trépano não
é um corte que vai
aliviar o cérebro
da pressão

é um de excesso
de pressão
negativa
que leva a tentar
uma saída

assim como
sem alguma coerência

se passa do sujeito
para a consequência
nesse caso mordente

de repente lembra
o que já tinha
pensado
pensa quem sabe
uma bala na ideia
não implode
a cabeça?

2.

entretanto
o quase é sempre
e tudo que existe

e o quase é quase mais
vazio que o vazio

exemplo
correr no mesmo
passo atrás de quem
se move um passo
de cada vez

exemplo
viver pensando e
dentro da cabeça
nunca fazer
que aconteça
o plano

exemplo
viver sem risco e
com medo de chegar
a qualquer onde

2.1.

estar a um passo
desse onde já é
estar a um
do poço
ou precipício

morte que se morre
vivo

sempre a um passo
é ate sem aonde
 são outros quinhentos
 quilômetros entre
 você o alvo

quem sempre a um passo
nunca esta mais perto
nem mais longe

(...)

A SAUCERFUL OF SECRETS

o dia todo ouvindo
música psicodelica

calar a mente

entrar num labirinto
pra fugir de outro
de viver
fazer coisas

e aqui dentro
um raciocínio muito denso
mas na rua
não vale um cuspe

quatro horas escrevendo
trinta e nove palavras
sempre as mesmas

e todas apenas eco
de digressões
sobre o nada

por que pensar tanto
e tanto nesse nada?

mas novamente
uma boa teoria
das coisas

que mais uma vez
não serve nem
pra impressionar ninguém

tortura mesmo
é ter esses olhos lavados

* — * — * — * — * — *

Mas se a proposta era falar de coisas, por que falar de nada? Ou chegar ao nada com coisas?
Esse é o verdadeiro labirinto?



onde já se viu um herói
andar na rua com
fones de ouvido?
com as mãos nos bolsos
cabeça baixa
fora da faixa
correndo riscos.

onde já se viu um herói
tao sem heroísmo?
sem objetivo nem sentido na vida.

só umas perguntas.
prevendo o futuro (porque eu posso):
na segunda vai ganhar
um quarto de doce.
já conheço coisa mais quente.

felicidade é uma palavra
mas nunca pode dizer isso
que não aceitam teorias.

um lema tatuado na mente:
selflessness and
no martyrization
but we all know that
selflessness is so selfish...

XVII

Todos irão sempre contra ti
porque tens pureza.

Porque o agitado de tuas mãos
é quase nostálgico.

Porque tens olhos
ficarao abertos
para quem os vius
uma única vez.

Todos irão sempre contra ti
porque hás de querer
um mundo novo e diferente.
Porque és estranho
e diferente para o nosso mundo.

És quase um louco
porque não dás atenção
à toda gente.

Dirão que és poeta.
Porque a poesia aparece nos teus gestos
como aparece fe na oração de um crente.
Mas o amor agora é tão difícil.

Não existes para mim.
Mas agitado, febril,
quase doente, és vivo...

Vivo demais para viver conosco.

Eu não quero outra coisa
só quero uma

Que isso que queima fosse verdade!
Se fosse. Não sei
o que seria

b.

só uma coisa a maior delas
a coisaagora verdadiamante
ou melhor se chama
chama coisa que queima
há duas uma
forte e antiga outra
branda nem se desenvolveu
toda boa lâmina
é lisa e doce
isso não é so e apenas
acidente
tropeço

c.

a coisa que queima se chama
chama
coisa que está no centro
dentro das entranhas
inflamada entramada nas fibras
entranhada e estranha
há essa coisa sem palavra
e sem chamar so chamada
por um algo não nome
desejo mortalmente
o nome da agora coisa é também absurdo
como pode o fogo?
o que queima até consumir
ora se isso destrói como desejar com
chama? como querer até a morte?
se depois não se tem?

d.

a agora coisa que levo se chama
chama
coisa entramada na entranha
entranhada nas fibras
tem uma estranha palavra não nome
desejar até a morte

e.

a coisa de que falo é a coisa
 que faz eco no escuro
 a coisa de que falo é
 o instrumento da vitória
 nome de mulher
 isto conseguido sem esforço
 isto de que falo
 a fala

f.

a coisa de que falo
 é um vômito contido
 essa coisa que queima se chama
 chama da entranha
 o estranho não nome
 do desejar calado

essa coisa de que falo
 é também o que desejo
 e calo
 uso uma palavra
 não nome
 para referir o que está dentro
 e queima
 e é só uma pena
 um peso

g.

aquilo de que falo
 é o que tanto sabem
 não preciso dizer um nome
 para mostrar o que melhor
 se compreende no escuro
 falo do que esta do outro lado
 e é inalcançável

ou é alcançável por alguns não mim
 ADENDUM
 APPENDIX
 a palavra escrita no espelho
 as palavras que não fazem
 sentido juntas o que não trabalho
 foi outro que disse eu queria ter es-
 crito um livro DO DESEJO
 do deserto do não beijo essa palavra

h.

essa palavra que eu não quero dizer

DESEJO

essa palavra que queima em mim e se chama
 chama ainda que estivesse no deserto
 mais seco minha boca estaria úmida
 de querer ainda que estivesse exilado
 na sibéria meu corpo estaria quente
 de querer com fogo fervor de sangue ardente
 ou melhor querer com fervor de crente
 e uma febre de doente

h.0.

essa palavra que não quero dizer
 DESEJO
 isso que queima e se chama
 chama reescrevi todos os livros
 que tinha lido
 para que alguém me saiba
 ponho meu nome no que não é meu
 nem eu mesmo
 me reconheço só sei
 de uma coisa entranhada
 nas fibras de mim
 usei palavras graves
 gravadas a ferro
 mas so quero saber de entrar
 cada vez mais no labirinto
 eu quero eu quero eu quero
 nem eu mesmo
 me enxergo no que sou
 olho nas caras dos outros
 tentando me encontrar
 mas tudo isso no princípio apenas
 queria dizer olhos azuis
 depois tênis vermelhos
 depois nada que é o que
 estava e ainda está
 e não se escapa
 nunca.

h.1.

mas essa palavra que não quero dizer
 DESEJO
 isso que queima e se chama
 chama
 são tênis vermelhos em sua dança
 e calças também
 e não é ninguém
 é a dança vermelha

dos tênis nos pés
 calcanhares são nomes
 que giram o corpo
 eu usaria até o termo
 gracioso
 ou outro um
 que não encontro
 isso quero e quero e o que eu quero
 se chama
 fogo inflamado dentro de mim
 por essa dança

h.2.

ou por outra dança
 que são os olhos o uso próprio
 de dois pra lá dois pra cá a expressão
 perfeitamente burra
 o obstáculo à leitura do que seja
 em olhos é o desviar
 sem nunca encontrar de novo

h.3.

mas isso que quero
 e temo
 esse bale da cor
 de notas baixas
 isso não me infala
 e não não se chama
 chama pelo contrario
 se apela por outra palavra
 que é uma palavra
 nunca usada
 o mesmo nome
 do homem

h.4.

havia também um anjo
 mas só cri por um dia
 voltei ao ateísmo de sempre
 e ao cinismo
 quando de repente
 de repente

h.5.

mas isso que quero
 e temo ter
 essa dança da cor

de sangue de artéria
 não tem nome de fogo
 nem de gente
 nem de qualquer
 matéria conhecida
 é um algo que não
 o que me queima
 e não se conhece por
 labareda
 é o impossível
 o zero ao invés
 o tudo

h.6.

mas agora que finalmente falei
 de danças de olhos de ténis
 e tais coisas
 é como se

h.6.1.

mas isso não é.
 simplesmente não.

i.

essa palavra que não quero dizer
DESEJO
 tem o mesmo nome do medo
 o que é intenso
 um vazio no centro

j.

saber nomes de poetas
 e recitar versos
 de madrugada
 em voz alta
 eu sentia que estava
 cheio de vida
 e por isso
 estava morrendo

k.

caótico disperso
 desorganizado assim
 o que corre na chuva
 para se sentir vivo
 se estar vivo
 é estar molhado assim

com a mente em parafuso
 é uma confusa
 epifania negativa déjà vu
 de um déjà vu quem
 já sonhou
 um sonho dentro de um
 sabe do que eu falo
 o pavor do inescapável
 quem conhece a
 paralisia do sono
 quem lutou com deus
 que o não deixava
 dormir nem acordar
 quem pensa em
 arte
 (esta uma é menos cabral)
 essas coisas que saem num vômito
 eu queria não escrever
 como quem mija
 antes
 eu queria
 viver como quem mija
 não como quem
 pede desculpa

l.

o que eu farei
 quando acabarem as letras?
 al-kawarizmi

m.

mas falamos daquilo
 secreto
 mesmo quando revelado
 desejar o objeto
 de desejo
 e ser dele o
 de desprezo
 ainda que não o despreze
 e até o queira bem
 o problema aqui é
 a proporção
 uma questão
 de não tanto quanto

n.

ecos de fracassos. caminhando

sobre destroços de pretensão
 o orgulho por um segundo
 logo em cacos
 vestígios de ter tentado algo
 tentado errado

*

amar a humilhação e a tortura
 e não tirar nada de bom
 dessas duas so sentir
 a crueldade
 de quem se esforça em rir
 cotidianamente o desrespeito
 ao que de precioso
 se oferece

*

não era disso que se falava

é uma pena ter que falar em tempo

estar no tempo

quando ele não é nada
 mais que uma água

um desespero

livro escrito em estilo muito pobre
 o anteriormente anunciado

são só palavras depois antes

*

lembro ainda quando a vida
 era inteira
 feita de merda

O.

mas essa palavra que não quero dizer
 isso que queima e se chama
 chama
 são frases e poemas
 em sua dança
 e a memória de que
 ainda há vida
 mesmo que a morte
 esteja caótica em parafuso
 mesmo sem certeza nenhuma

é so insegurança
 e medo de ficar
 sozinho para sempre
 e sem ninguém
 e nunca provar
 o que há de bom
 mesmo que nada
 a grande mentira
 não há possível
 justificativa

p.

não vejo nada
 não vejo a fita
 dominada
 eu vejo os preto
 sempre triste
 nos canto do mundão

— *Mano Brown*

q.

que horrível é poder não usar as palavras
 ainda que elas existam!

u.

folha seca num
 vendaval
 um inútil:
 é morrer aos poucos
 eu me sentia assim,
 tio

— *Mano Brown*

v.

escrevendo
 a sensação constante
 de estar pondo merda
 no papel

w.

lembra do espírito
 do 14 de julho?
 ele é tão vazio
 quanto ser enrolado
 pelas fantasias

as madrugadas
dedicadas
ao nada

aquilo que se chama
loucura
de querer o que não tem

e o que
sabendo disso
se mantém perto
sem estar totalmente

creio que aqui voltamos
ao espírito
do primeiro ensaio
deste livro

o que é menor arte
que isto?

ter dezesseis anos
sentir-se ridículo
algo supera?

X.

acabei de inventar
uma nova fantasia:
voz aguda
meu deus
tenho que trabalhar
nada me é dado
e nem permitem
o suicídio:
 quando mais eu escrevo
 menos estou escrevendo
de natural já não digo nada
agora nem mais construo
 só estou lembrando

O QUÊ?

_____ como é
possível ser poeta
sendo tão egoísta? _ _ _ _ _

y.

One of these days
I'm going to cut you
into little pieces

— *Pink Floyd*

z.

é um número z
simétrico
no alfabeto
da letra z (dois) _____
_____ chega de conversa
vamos direto
ao que interessa
não sei o que é também
mas tudo bem
vamos
preciso de força
pelo menos
para escrever até o fim deste livro
_____ não para viver depois disso.

*
*
*
*
*
*
*

★

LIVRO O

O QUE SE DIZ
EM VERDADE
A RESPEITO DA VIDA

GRITOS DE DOR

LAMENTOS

E OUTRAS MENTIRAS
(e citações apócrifas)

★

OU

Escritos sobre LABIRINTOS

i.e.

A exatidão

do Caos

Caos

Caos

Caos

Caos

black states in the hour of Chaos

Kháos

Caus

Parte-se talvez de uma reconciliação. Ou a conciliação pela primeira vez. Daqui-lo chamado fundo com aquilo chamado forma. Algo que talvez se possa chamar poema. Depois de muitos meses.

Trata-se de enigmas obscuros. Que é subtítulo de outro livro. Aqui há labirintos e a morte ciclica. Aqui anda-se em círculos. — Se no labirinto de Abenjacan, o Bokari, chegava-se ao centro ao andar sempre para a direita, é porque aquele era um labirinto irregular. Não este. Este se pretende regular, e ir sempre para o mesmo lado é andar em círculos.

— 27.8.2015

O
LABIRINTO
DENTRO
DO
MONSTRO

“Então eu havia me perdido num labirinto de perguntas [...]”

— *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector

os sinais nas paredes
do labirinto
são não nomes

uma confusão de querer
dizeres a luz
do dia é falável
que a epifania
é a verdade em pedaços

porque sentir o por dentro
caótico
é o achar a si
em cacos

ter fragmentos de eu
perdidos

e não saber mais
onde eles se encaixam ou
se já encaixaram

e quando dizem a palavra
nome já não dizem
a pessoa

porque agora
a pessoa se torna
impossível
e nada mais pode
que desexistir

NA COZINHA

o pano de prato
em cima do balcão
(e um jeito certo
de estar desarrumado)
é o primeiro alvo
do olho que chega
a esse concerto do desconcerto
muito bem ensaiado
como se tirando uma peça
do seu lugar errado
não se arrumasse nada
mas destruísse toda
a premeditação
da desordem ordeira
bagunça familiar

RASCUNHO

se libertar como
cometer um assassinato
do que pesa
e te encurva

ou como
florescer no meio da agonia
de viver

se seu nome
florescente
fosse agonia isso
seria mais que uma rima
seria a
própria vida

WHEN I WAS MYSELF

a lua não merece ser olhada
nem nenhuma foto
mas não há opção

os acontecimentos me fizeram
tão pobre e é tudo
vazio demais

não é sofrer se é por nada

caminhando nos destroços
da última grande coisa
não dou mais a mínima

— 6.11.2015

Gostava de percorrer com meus olhos os teus passos, naquele carmim lábio de carrossel. Girava tantas vezes aqueles olhos escondidos através das lentes, aqueles caleidoscópios do coração esvoaçando teus sorrisos pelas brisas de inverno tão frio, em dentinhos de neve. E escutava sua voz em risos, cantarolando as paródias do pensamento em cócegas a balançar as mãos contagiadas em rebuliço. Condensa-se a noite nas pontas dos cigarros, no fundo dos vidros das janelas, em óculos das almas com lágrimas de estrelas a pensar rodopiando nos toques de piano dos teus dedos aos meus, em flerte de fuga, aguardando a chegada dos teus braços violoncelista num afago imaginário. Descarregam-se os cinzeiros pelas brisas dos romances incontáveis escritos de silêncios inquietos, contando elegias nos semblantes tristes de inverno com perpétuos dos sentimentos de corolas decaídas pétala a pétala nas linhas dos papéis gastos à toa atrás do teu rosto de perfil nas fotografias imaginárias. E como se nunca passasse repito narizes, olhos de cílios compridos, lábios com as mechas decaídas com mimos das franjas num rosto perfeito, por trás dos óculos embaçados no breu: o rosto apaixonado com a alma salpicada em estrelas.